

Ferenczi e a técnica ativa: experimentação e expressão

Leonardo Cardoso Portela Câmara¹ (Orcid: 0000-0003-1424-8704 | lattes.cnpq.br/0876503068661138)

Regina Herzog² (Orcid: 0000-0002-2915-069X | lattes.cnpq.br/6084131432221498)

Correspondência:

Leonardo Câmara,
lcpcamara@ufscar.br

Fomento: Nenhum

Como citar: Câmara,

L., & Herzog, R. (2024). Ferenczi e a técnica ativa: experimentação e expressão. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 75, e008.

¹ Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil



Informações do Artigo:
Recebido em: 26/11/2019
Aceito em: 21/09/2022

RESUMO

Dentre os múltiplos experimentos de técnica psicanalítica realizados pelo húngaro Sándor Ferenczi (1873-1933) ao longo de sua obra, encontra-se a técnica ativa, desenvolvida no período imediatamente anterior à formação de sua teoria do trauma. Em termos gerais, consiste em solicitar o analisando a realizar ou não realizar uma ação, a contrapelo do princípio do prazer, com a finalidade imediata de produzir tensão. Devido a diversos fatores, como a intrusão do analista na vida de seu paciente, as discussões contemporâneas sobre Ferenczi têm se focado pouco sobre esse tema. O presente artigo visa analisar dois pontos: 1) revisitar a técnica ativa com base nas ideias de experimentação do afeto e da expressão do corpo; e 2) definir de que maneira alguns fenômenos surgidos durante a experiência da técnica ativa protagonizaram o desenvolvimento da teoria do trauma de Ferenczi em seus últimos anos de vida.

PALAVRAS-CHAVE:

Ferenczi; Técnica ativa; Expressão; Corpo; Psicanálise.

FERENCZI AND THE ACTIVE TECHNIQUE: EXPERIMENTATION AND EXPRESSION

ABSTRACT

Among the multiple psychoanalytic technique experiments carried out by the Hungarian Sándor Ferenczi (1873-1933) throughout his work, we find the active technique, developed in the period immediately prior to the formation of his trauma theory. In general terms, it consists in asking the analysand to perform or not to perform an action, contrary to the pleasure principle, and for the immediate purpose of the production of tension. Due to various factors, such as the analyst's intrusion into his patient's life, contemporary discussions about Ferenczi have focused little on this topic. This article aims to analyze two points: 1) to revisit the active technique basing on the ideas of experimenting with affection and body expression; and 2) to define how some phenomena that arose during the experience of active technique led to the development of Ferenczi's trauma theory in his last years of life.

KEYWORDS:

Ferenczi; Active technique; Expression; Body; Psychoanalysis.

FERENCZI Y LA TÉCNICA ACTIVA: EXPERIMENTACIÓN Y EXPRESIÓN

RESUMEN

Entre los múltiples experimentos de técnica psicoanalítica realizados por el húngaro Sándor Ferenczi (1873-1933) a lo largo de su trabajo, se encuentra la técnica activa, desarrollada en el período inmediatamente anterior a la formación de su teoría del trauma. En términos generales, consiste en pedirle al analizando que realice o no realice una acción, contrario al principio del placer, y con el propósito inmediato de producir tensión. Debido a varios factores, como la intrusión del analista en la vida de su paciente, las discusiones contemporáneas sobre Ferenczi se han centrado poco en este tema. Este artículo tiene como objetivo analizar dos puntos: 1) revisar la técnica activa basada en las ideas de experimentación de afecto y expresión corporal; y 2) definir cómo algunos fenómenos que surgieron durante la experiencia de la técnica activa condujeron al desarrollo de la teoría del trauma de Ferenczi en sus últimos años de vida.

PALABRAS CLAVE:

Ferenczi; Técnica activa; Expresión; Cuerpo; Psicoanálisis.

Ferenczi e a técnica ativa: experimentação e expressão

A técnica ativa representa um primeiro esforço sistemático de Ferenczi no sentido de experimentar a expansão das possibilidades da técnica psicanalítica. Apesar de os principais textos que dela tratam terem sido publicados entre 1919 e 1926, encontram-se seus rudimentos em artigos anteriores e elaborações de suas consequências em artigos posteriores a esse período (por exemplo, Ferenczi 1910/1991; 1928/1992). Assim como a análise mútua – e talvez ainda mais que ela – a técnica ativa é um tópico polêmico, para não dizer problemático, por envolver assuntos delicados. Dentre eles, podemos citar a influência direta do analista sobre a vida do analisando e sua possível aproximação com técnicas de modelagem do comportamento da psicologia comportamental. Isso tem levado a técnica ativa a ser excluída das reflexões contemporâneas sobre Ferenczi, sendo relegada, no máximo, ao papel de apêndice de sua teoria e clínica.

A proposta do presente artigo é revisitar a técnica ativa a partir de duas frentes. A primeira consiste em empregar as ideias de experimentação e expressão para avaliar os seus efeitos, dentre os quais: a experimentação de outros modos de viver, isto é, outras formas de afetar e ser afetado; e a convocação de outros modos de expressão que não se reduzem à fala. A segunda frente visa explicitar: como as experiências com a técnica ativa afetaram o próprio Ferenczi; de que modo elas foram essenciais para o autor repensar e modificar sua perspectiva clínica; e como essas experiências esboçaram fenômenos e observações que culminaram no desenvolvimento de sua teoria do trauma.

Por uma clínica experimental

Uma das coordenadas mais importantes que orienta o pensamento clínico e metodológico de Ferenczi é a experimentação. Ao longo de seu percurso, ele formulou uma série de

experimentações no campo da técnica psicanalítica, tendo inclusive ganhado destaque por elas. A técnica ativa, o princípio de relaxamento, a neocatarse e a análise mútua foram os experimentos mais notáveis que, em conjunto, compuseram uma espécie de projeto de clínica experimental, deflagrada no interior mesmo do movimento psicanalítico (Câmara & Herzog, 2017). À exceção da análise mútua, todas as demais técnicas não ficaram restritas a um círculo privado, mas tiveram seus resultados – e críticas – expostos pública e periodicamente aos psicanalistas, ainda que, amiúde, sob atmosferas nada amigáveis.

A apresentação de suas experimentações era necessária, uma vez que Ferenczi sempre manifestou uma grande preocupação em relação à “desorientação crescente entre os analistas, sobretudo no que diz respeito aos problemas técnicos apresentados pela prática” (Ferenczi, 1924a/1993, p. 226). Essa desorientação os levava a se afiançar de maneira rígida demais nos textos técnicos de Freud, os quais traziam, afinal, apenas sugestões ou dicas de cunho negativo para que erros grosseiros não fossem cometidos, reservando um espaço de grande liberdade para que o analista desenvolvesse sua própria maneira de fazer clínica (Ferenczi, 1928/1992). Uma das consequências mais sérias da desorientação por parte dos analistas era a ruptura entre a prática e a teoria. Para Ferenczi, isso era perigoso, visto que jamais se deve perder de vista a interdependência, a mistura, ou ainda, a mutualidade entre ambos os polos, sem um ter predominância ou antecedência sobre o outro (Ferenczi, 1924a/1993).

Por experimentação, nos referimos a muitas coisas, dentre elas não apenas que Ferenczi experimentava outras formas de fazer clínica e de fazer teoria, como também que considerava essencial o paciente ser capaz de experimentar, por si próprio, uma pluralidade de vivências: fosse uma interpretação ou uma construção com fins de validá-la ou refutá-la, fosse um exercício corporal para desestabilizar um circuito de prazer, para expressar algo ou até mesmo

para aliviar angústia (Ferenczi, 1921/1993; 1925/1993; 1926b/1993). Para Ferenczi, o que separa a psicanálise de outros métodos – dentre eles o sugestivo – é justamente porque ela, por meio da transferência, oferece ao analisando a possibilidade de vivenciar tudo isso no âmbito do afeto, única dimensão onde alguma mudança legítima pode acontecer (Ferenczi, 1913b/1992). Ao contrário de outros tratamentos, que ou se afixavam em um trabalho intelectual ou se constituíam como meros procedimentos padronizados e disciplinadores, a psicanálise se distingue por não querer convencer, e portanto, vencer o paciente. Visa esperar, pelo contrário, que, pela experimentação de suas próprias vivências afetivas, chegue à convicção e à conclusão de, por exemplo, algum aspecto da sua história (Ferenczi, 1913b/1992). Ferenczi jamais se distanciou desse norte. Ele não via problema em traçar uma linha de ação de acordo com seus postulados teóricos; o problema seria se ele perseverasse nela, não obstante o fracasso. O fracasso seria tão simplesmente o processo analítico alienar-se da dimensão afetiva. E essa alienação não se refere apenas ao analisando, mas também ao analista.

Em todas as exposições sistemáticas de suas experimentações técnicas – por exemplo, nos grandes textos sobre técnica ativa, neocatarse, etc. –, Ferenczi sempre coloca, como introdução, a história do desenvolvimento da técnica psicanalítica desde a colaboração entre Breuer e Freud até a época em que ele se encontra (Ferenczi, 1921/1993; 1930/1992; 1932/1990; 1939/1992). A narração dessa história não deve ser negligenciada, sendo mais que apenas uma estratégia de exposição. Na verdade, a narração tem a função de problematizar o estado da arte da técnica psicanalítica, isto é, de evidenciar de que maneira a técnica e a prática corrente entre os analistas se tornou fria, pedagógica, intelectualizada – em suma, clivada das experiências afetivas. Sem afeto não há movimento, não há processo, não há análise.

Daí a importância singular que Ferenczi dá ao corpo nas suas experimentações clínicas. A

experiência do afeto, tanto no sentido de ser afetado quanto no de afetar, é inseparável das expressões corporais, como o choro, o grito, a cólera, o riso, a gargalhada. Mesmo na linguagem, procura-se a potência mágica das palavras, o poder delas de nos fazer imaginar cenas ou até mesmo de sentirmos realizar alguma ação – algo muito diferente de entender a linguagem como uma máquina ou um sistema lógico sem vida (Ferenczi, 1910/1992; Câmara, 2021). Com efeito, a experiência analítica, em Ferenczi, é uma experiência do afeto e da vida, uma experimentação do corpo e de suas expressões. Todos os experimentos técnicos de Ferenczi recolocam o corpo e o afeto em cena, retirando-os de um processo de exclusão que parece sempre insistir em se dar. Tal é o caso, por exemplo, da técnica ativa que, como veremos agora, convida o corpo a se expressar para assim trazer vitalidade, afeto e movimento em uma análise.

A técnica ativa: prazer e violência

Não vai ser de outra maneira senão pelo ato fortuito de lançar um olhar para o corpo de uma paciente deitada no divã, para os movimentos que ela esboça sem sequer prestar atenção, que Ferenczi inaugura sua técnica ativa. A paciente mantinha uma relação transferencial tão forte a ponto de seu discurso fixar-se apenas em declarações de amor mais ou menos explícitas, de forma que a análise entrou em um ponto de estagnação (Ferenczi, 1919a/1993). A estagnação a que Ferenczi se refere não é determinada pelo silêncio do paciente; o que é decisivo para caracterizá-la é quando o tratamento não parece andar, e essa paragem não pode ser imputada a um processo de elaboração. Para entendermos esse aspecto, é necessário retomarmos como foi o evento inaugural da técnica ativa.

A paciente encontra-se deitada no divã e Ferenczi, em determinado momento, olha para ela. Eis que ele a vê com as pernas cruzadas, as coxas se esfregando uma na outra, enquanto, distraída, ocupa-se em falar ao sabor da associação livre. Aos seus olhos, é como se a fala

tivesse se transformado em um autômato estereotipado, enquanto a maior parte da libido e do interesse da paciente estivesse concentrado em outro lugar, isto é, na obtenção de prazer por meio de pequenas ações voluptuosas sobre o próprio corpo. Ferenczi conclui, pois, que ela, sem perceber, está se masturbando, ao que ele pede para descruzar as pernas e não cruzá-las mais (Ferenczi, 1919a/1993). Essa intervenção provoca um abalo e, logo em seguida, uma mudança no andamento da análise – a ponto de Ferenczi (1919a/1993) qualificar de “fulminante o efeito produzido por essa medida” (p. 2). Se antes a paciente parecia estar siderada e, ao mesmo tempo, acomodada ao tratamento, agora ela começa a sentir uma grande agitação e não tarda a surgir, em seu discurso, diversas lembranças que não haviam sido evocadas. A estagnação não representava, portanto, um processo de elaboração; diversamente, o motivo da estagnação era o de ambos os participantes da análise terem excluído de sua troca as expressões corporais, focando-se unilateralmente nas produções verbais.

O que caracteriza a técnica ativa em sua especificidade é a intervenção direta do analista sobre as produções do analisando que não seja somente pela interpretação (Ferenczi, 1921/1993). Além disso, se caracteriza também por radicalizar e colocar em prática a concepção de Ferenczi acerca dos modos de expressão, uma vez que traz, para dentro de uma análise, não apenas as palavras, mas os movimentos do corpo, isto é, os gestos, e até mesmo a imaginação (Ferenczi, 1921/1993; 1924b/1993). Na medida em que os movimentos corporais, a imaginação e a fala não são realidades fundamentalmente distintas, mas representam tão somente diferentes modos de expressão que derivam de uma mesma substância corporal, “mexer” com um deles provoca repercussões nos demais, mexer com o corpo mexe com a fala, mexer com o corpo mexe com as lembranças. Assim, ao trazer a categoria de ‘atividade, Ferenczi quer não apenas incluir o corpo no processo analítico, como também fazer com que a técnica leve em

conta tanto o psiquismo quanto o corpo, vez que são uma só coisa.

Dois pontos podem ser extraídos e devidamente destacados a propósito do movimento de Ferenczi em relação às pernas de sua paciente: o prazer e a violência. Começando pelo primeiro ponto, a técnica ativa consiste em uma série de exercícios práticos, muitas vezes corporais, em que o analisando é convidado a explorar diferentes formas de obtenção de prazer, saindo de uma forma cristalizada (Ferenczi, 1921/1993). De fato, com a técnica ativa, Ferenczi torna-se cada vez mais ciente de que o corpo não parece funcionar apenas com fins utilitários. Da mesma maneira que o ato sexual não pode ter sua função completamente identificada à finalidade reprodutiva, as outras funções corporais não podem ser reduzidas a um sistema mecânico no qual cada parte é tão somente uma engrenagem com um papel bem delimitado (Freud, 1905/2016; Ferenczi, 1918/1992; 1919b/1993). Pelo contrário, o corpo também funciona com fins de obtenção de prazer. Partes do corpo podem se rebelar da distribuição de trabalho a elas determinada e desempenhar outros papéis e funções, com o objetivo único de adquirir prazer. Ferenczi chega a falar, acerca disso, em uma “anarquia dos órgãos” (Ferenczi, 1932/1990). Assim, um órgão não está destinado a exercer unicamente uma função útil conforme lhe foi supostamente delegado; pelo contrário, ele tem à sua disposição uma virtualidade de processos que pode se apoderar e exercer.

Essa concepção de corpo, com toda certeza bizarra, desafia a maneira como tanto a ciência quanto o senso comum concebem o corpo. Ferenczi, que tinha formação médica, era consciente disso e, não obstante, defendeu e sustentou essa forma alternativa de se conceber o corpo, argumentando que a ciência entendia o corpo unilateralmente sob um viés utilitário. À nova concepção de corpo, ele dá o nome de “fisiologia do prazer” (Ferenczi, 1918/1992; 1919b/1993). Longe de permanecer adstrita a um certo período de suas teorizações, Ferenczi a

retoma em diversos momentos, inclusive ao tratar da clínica do trauma. Nessa perspectiva, por exemplo, ao ser violentada e estar completamente sozinha, sem amparo de ninguém, a criança promoveria uma anarquia dos órgãos com vistas a suportar o insuportável:

(...) o abandono do trabalho de cooperação, por economia de energia e limitação às tarefas locais, poderia favorecer os processos de regeneração. (...) uma criança é atingida por uma agressão inevitável, consequência: ela 'entrega sua alma' com a convicção de que esse abandono total de si mesma (desmaio) significa a morte. Mas justamente a descontração total que se estabelece pelo abandono de si pode criar circunstâncias mais favoráveis para poder suportar a violência (Ferenczi, 1932/1990, pp. 72-3).

Entretanto, cabe frisar que, no contexto da técnica ativa, o que interessa a Ferenczi é justamente o prazer. Ele observa, nessa experimentação, que não há um limite bem delimitado entre o prazer e o desprazer. Às vezes, a manutenção de um modo de obtenção de prazer pode significar a estagnação e a acomodação em uma determinada posição (Ferenczi, 1919a/1993). Em tais casos, é necessário afirmar o desprazer, quer dizer, sustentar uma posição de desprazer para que se consiga inventar novas formas de obtenção de prazer (Ferenczi, 1926a/1993). Nesse sentido, a técnica ativa é uma maneira de remanejar de modo radical a dinâmica libidinal do analisando, a fim de expandir possibilidades, sem permanecer cristalizado em uma e nem se agarrar desesperadamente a outra que acabou de inventar; ao mesmo tempo, esse remanejamento libidinal dá as condições de o processo analítico andar novamente. Não por outro motivo Ferenczi identifica a técnica ativa a uma forma de tratamento experimental: se a interpretação pode ser comparada a um trabalho de dedução lógica, a técnica ativa tem como analogia a experimentação, como aquelas realizadas por Claude Bernard no sistema vascular dos cães (Ferenczi, 1919a/1993). Assim, a técnica ativa coloca a interpretação em segundo

plano, privilegiando a experimentação tanto do corpo quanto da vivência efetiva e – não esqueçamos – da experiência afetiva.

Ao lado da dimensão do prazer, nota-se, na intervenção inaugural da técnica ativa que Ferenczi fez em sua analisanda, uma dimensão de violência. Embora a proibição de a paciente cruzar as pernas tenha sido uma decisão tomada em conjunto, uma vez que Ferenczi a informou do motivo da interdição e de seu caráter temporário, e ela assentiu em deixar de fazer aquele comportamento, é incontestável a violência da intervenção (Ferenczi, 1919a/1993). Nos primeiros anos que se seguem a esse evento, torna-se cada vez mais claro, em termos econômicos, a finalidade da técnica ativa: provocar tensão até o ponto de o paciente conseguir afirmar um desprazer para construir outra forma de obtenção de prazer (Ferenczi, 1921/1993; 1925/1993). Mesmo que essa concepção faça sentido, ainda assim há um caráter de violência e de submissão que não pode ser negado. Antes de deixar de usar a técnica ativa, Ferenczi chega a abrandar o modo como a intervenção é feita: se nos primeiros anos ele fala inequivocamente em ordenar o paciente a fazer algo e utiliza os termos injunção e proibição para se expressar (Ferenczi, 1919a/1993; 1921/1993) – termos esses que denotam explicitamente um caráter coercitivo –, posteriormente ele submete essa postura a uma revisão:

Eu teria preferido falar de *conselhos* negativos e positivos para mostrar que se trata menos de instruções formais e imperativas, como é habitual na educação das crianças, do que de modos de comportamento que são suportados pelo paciente, de certa forma a título experimental, de acordo com o médico, ou pelo menos com a firme esperança de que sua utilidade venha a ser finalmente comprovada. Nada está mais distante das intenções do psicanalista do que desempenhar o papel do ditador onipotente ou dar livre curso a uma severidade sádica (Ferenczi, 1925/1993, p. 333, n. 6, grifos no original).

Um ano após escrever a observação acima, Ferenczi tece sérias críticas à técnica ativa – críticas essas que se avolumam com o passar dos anos –, muitas delas remetendo precisamente ao sadismo e à posição de autoridade que o analista assume (Ferenczi, 1926b/1993; 1928/1992; 1932/1990). Somando-se tais críticas ao fato de a técnica ativa supostamente se assemelhar a terapêuticas que têm o comportamento como objeto privilegiado, a primeira reação que poderíamos esboçar é de rejeitá-la, tanto no âmbito teórico quanto na sua aplicação na prática clínica. O problema é que essa reação pode se tornar, para utilizarmos a expressão de Bachelard (1938/2005), um obstáculo epistemológico para se compreender as especificidades da técnica ativa – particularmente sua relação com a expressão – e suas consequências ulteriores no percurso de Ferenczi. Acreditamos que somente por essa técnica ele pôde entrar em contato com isto que é, sem dúvida, um dos elementos mais originais de sua teoria sobre o trauma: a identificação com o agressor. Entretanto, continuemos na técnica ativa antes de chegarmos a esse ponto.

A técnica ativa: inibição e angústia

Apesar de na história da paciente histérica Ferenczi ter proibido uma determinada atitude circunscrita à dimensão do prazer, a técnica ativa não se reduz ao vetor de proibição. A técnica ativa se consolida como uma estratégia terapêutica principalmente no tratamento de pessoas com histeria de angústia (Ferenczi, 1919a/1993; 1921/1993; 1922/1993). A histeria de angústia é uma das neuroses de transferência cujo mecanismo defensivo predominante é uma construção fóbica, isto é, a angústia é transformada em medo na medida em que passa a ser ancorada a um objeto (Freud, 1926/2014). Para não ser assolado por esse afeto, o sujeito lança mão da inibição, que se torna tanto maior quanto mais as condições que produzem angústia aumentam de número (Câmara, 2015). Daí o motivo de Birman (2014) afirmar que a técnica ativa opera, sobretudo,

“no paradigma clínico da inibição” (p. 59).

Ferenczi aprende com ninguém menos que Freud que este, algumas vezes, e principalmente ao tratar de sujeitos fóbicos, incitava-os a entrar em contato com aquilo que mais lhes causava medo (Ferenczi, 1919a/1993). Ferenczi conversou sobre isso com Freud porque, mesmo após um longo período de suposta elaboração, os fóbicos, apesar de conseguirem adquirir um grande conhecimento sobre seu inconsciente, ainda assim recuavam frente às situações que lhes provocavam medo (Ferenczi, 1921/1993). Parece que Ferenczi encontrara aí um limite: nenhuma interpretação, por mais aceitável ou penetrante que fosse, era capaz de colocar a inibição em suspensão.

Quando, experimentando a dica dada por Freud, ele incita seus analisandos a entrar em contato com seus respectivos objetos de medo, percebe uma grande mudança: é como se enfrentar a situação fobogênica trouxesse à tona material novo a ser trabalhado na análise e provocasse de algum modo uma quebra na posição que o analisando assumira até então (Ferenczi, 1921/1993). Algo que não se apresentava subitamente surgia a partir do momento em que o paciente vivenciava uma situação contra a qual se separava radicalmente e a todo custo através de uma inibição (Câmara, 2015). Acontece que, vivenciando essa situação, por mais angustiante que fosse, o paciente entrava em contato com afetos dos quais se mantinha afastado. Uma vez atualizados por meio de movimentos deflagrados pelo próprio corpo, os afetos abriam as condições necessárias para recordar-se de eventos os quais, apenas pela interpretação, não surgiam. Observa-se aí o resgate do afeto na experiência analítica por meio da técnica ativa.

Nota-se que, no caso da paciente histérica, Ferenczi proibiu-a de realizar certas ações corporais, ao passo que, com os pacientes fóbicos, ele os incitou a executar uma ação. A técnica ativa trabalha com esses dois “vetores”: convidar a fazer uma ação ou proibir de fazê-la. Eles

são decididos de acordo com um critério, que é o de se dar a “contrapelo” do princípio do prazer: incita-se a fazer uma ação que levaria ao desprazer; proíbe-se uma ação que poderia causar prazer (Ferenczi, 1921/1993; 1925/1993). A consequência de agir a contrapelo do princípio do prazer é a de que a técnica ativa visa produzir tensão no analisando. Daí o perigo de sua aplicação por analistas sem experiência, ou que não tenham muito tato, ou ainda, em tratamentos cuja relação transferencial ainda não esteja bem consolidada (Ferenczi, 1921/1993; 1926b/1993). A técnica ativa produz desestabilização, desconforto, e nem todos os pacientes conseguem suportar essa situação. A tensão é um objetivo imediato, mas nunca um objetivo final. A finalidade é convocar o corpo, liberar os afetos, fazer o processo analítico voltar a se mover.

Para que isso possa acontecer, a técnica ativa precisa ser um pouco mais complexa que a simples injunção a fazer algo desprazeroso ou a proibição de fazer algo prazeroso. Ferenczi não vai se contentar em incitar um paciente inibido a realizar algo que lhe causa angústia, e isso porque, segundo sua observação clínica, o paciente inibido que consegue vencer a angústia passa a sentir um prazer, quase que incoercível, de realizar aquilo que antes não conseguia (Ferenczi, 1921/1993; 1925/1993). É como uma criança que, proibida de comer doce, subitamente tivesse acesso livre a uma loja de doces e comesse até passar mal. Para Ferenczi, após o paciente conseguir realizar aquilo que não conseguia – e fazê-lo quase que compulsivamente – começa uma segunda etapa: dar freios a essa compulsão recém criada. Em outras palavras, da injunção segue-se um movimento de proibição, ou melhor dizendo, de renúncia (Ferenczi, 1921/1993).

Obviamente nem todos seguiam essa prescrição: vide o caso que ele relata da mulher tímida que, após conseguir tornar-se mais solta e sedutora, larga a análise por contentar-se com

esse estágio, deixando de querer dominar essa nova forma de viver. Ferenczi considera isso o perigo de o analisando sentir-se “curado rápido demais” (Ferenczi, 1921/1993). Se a pessoa se livra da inibição ou de uma determinada forma de obter prazer para inventar uma nova compulsão, ela não se libertou, na verdade; ela só se tornou refém de um novo hábito, ou melhor, estagnou-se em um outro modo de obtenção de prazer, em vez de conseguir circular por diversos (Ferenczi, 1925/1993).

O que Ferenczi perseguia com a técnica ativa não era desinibir uma pessoa ou fazê-la meramente controlar sua compulsão; o que ele buscava era criar condições nas quais se pudesse experimentar outros modos de obter prazer e novas maneiras de sentir, isto é, de afetar e de ser afetado. Além disso, mais que convocar o corpo para catalisar recordações inacessíveis pela interpretação e pela associação livre, provoca-se a expressão corporal com vistas à transformação, isto é, com o horizonte de estimular a criação de novas formas de se viver. Para entendermos de que maneira a técnica ativa buscava, em última análise, a potência expressiva do corpo, nada melhor que apresentar aquele que consideramos um dos casos clínicos mais espetaculares de Ferenczi, o caso da jovem pianista croata (Ferenczi, 1921/1993).

O caso da jovem pianista croata

A análise de uma jovem e talentosa pianista, extremamente tímida, havia caminhado muito. Entretanto, depois de um tempo o trabalho estagnou. E pior, os sintomas dela, que são típicos da fobia social, como o medo de ser o objeto do olhar dos outros – principalmente ao tocar piano –, o medo de ser considerada ridícula, o medo de atrair olhares na rua (ou de não atraí-los), de ser feia, de ter mau hálito, etc., não sofreram nenhuma mudança (Ferenczi, 1921/1993). Mesmo depois de todo o trabalho analítico que havia sido dispendido, não foram constatadas mudanças. A pianista continuava vivendo sob o signo da vergonha e do medo. Em

certa sessão, ela se lembra casualmente, durante a deriva da associação livre, de uma canção que sua irmã cantava. Ferenczi pede a ela para recitar a letra da música. Depois de muito resistir, ela resolve recitar. Nada demais acontece. Envergonhada, ela fica emudecida.

Ferenczi pensa então: o que ela se lembrou não foi da letra, mas da melodia! Ele pede a ela, então, para cantar a música (Ferenczi, 1921/1993). Difícil imaginar quantas sessões foram necessárias para ela cantar! Ela fez várias tentativas canhestras, interrompendo-se, cantando baixinho, segurando a voz, em suma, sentindo-se profundamente envergonhada. Mas então, em algum momento, conseguiu soltar a voz e revelou-se uma excelente soprano. Entretanto, mesmo após todo esse trabalho e esforço, a cantoria não foi suficiente. Então Ferenczi encorajou-a a cantar e a gesticular e a dançar do modo como se lembrava sua irmã cantar. E eis que, depois de algumas tentativas desajeitadas, mas cada vez mais decididas, aquela pianista tímida se “solta”: dança com desenvoltura e começa a sentir prazer tanto nos movimentos corporais que expressa quanto em fazer suas exhibições particulares para o analista. A partir daí, emerge todo um conjunto de lembranças intocadas, toda uma outra perspectiva sobre como foi sua história. Enfim, em pouco tempo, a tímida pianista, que ficava com medo de o que as pessoas poderiam pensar dela na rua e que não conseguia tocar piano na presença de alguém, se transforma – não apenas na vida cotidiana, mas também no interior do processo analítico: toda uma nova narrativa ganha lugar, e ela adquire consciência do prazer que sente em se movimentar, inclusive ao piano. Ao tocar mais apaixonadamente, ela sente alguma coisa no seu íntimo, alguma coisa muito inquietante, mas também prazerosa (Ferenczi, 1921/1993).

O que queremos destacar dessa vinheta clínica não é o fato de Ferenczi ter impelido a paciente a agir, tampouco indicar que, através desses “exercícios”, ele conseguiu arranjar uma cura milagrosa para a inibição dela. A bem da verdade, consideramos esses pontos

absolutamente secundários, quando não duvidosos. O que parece ser mais relevante no caso é o fato de a paciente ter precisado sair do registro “puramente” verbal (recitar a letra da música) e começar a pôr em movimento o registro corporal e afetivo para que conseguisse – aí sim – reatualizar lembranças que não haviam emergido desde então e, mais que isso, reencarná-las, revivê-las. Em outras palavras, não bastou contar o que aconteceu; foi preciso colocar o corpo em cena, foi necessário deixá-lo se expressar. Só assim determinados extratos da história da pianista puderam ser resgatados e propriamente reencarnados por ela, provocando desestabilização e movimento no processo analítico.

O papel que o analista desempenhou foi o de encorajar algo a se desenvolver, a se desenrolar, a se expandir. Nas palavras de Ferenczi, a função da técnica ativa, no caso da jovem pianista croata, foi a de desenvolver “tendências latentes”, permitir “desabrochá-las” (Ferenczi, 1921/1993). Longe de querer fazer um trabalho comportamental, isto é, dessensibilizá-la, ensiná-la a agir ou habituá-la, seu objetivo foi justamente o contrário: desabituar, quebrar uma forma aprendida de agir, ressensibilizá-la. Em outras palavras, ele não quis disciplinar o corpo, moldá-lo conforme um objetivo específico. O que ele tentou foi encorajá-la a expressar algo – algo que ela própria não sabia o que era (e muito menos ele), mas que vibrava em sua pele e em sua voz, algo que tinha um ritmo, uma melodia. Somente se expressando ela poderia desenvolver o que tentava ganhar corpo, o que a fazia sentir tanto medo. Se, por um lado, esse movimento a fez regredir para um momento de sua vida em que não era tímida, e sim uma criança extrovertida, por outro lado, ela estava criando algo, estava inaugurando alguma coisa nova nela própria, ela estava, enfim, inventando novas maneiras de ser e de viver (Ferenczi, 1921/1993). Nessa ótica, é incongruente querer identificar a técnica ativa a uma terapêutica comportamental ou entendê-la como uma medida disciplinar que leva à ordem e à submissão a

regras de conduta específicas; pelo contrário, aspira à liberdade, à desordem, à criação.

O caso da jovem pianista croata põe em cena, parece-nos, toda a potência que a ideia de “expressão” tem no aparelho conceitual e clínico de Ferenczi, e isso por dois motivos (Câmara, 2021). Em primeiro lugar, o caso mostra a que ponto Ferenczi estava comprometido com a abertura a outros modos de expressão que não somente a fala e a linguagem verbal. Ao convidar sua paciente a recitar a letra da música, depois cantá-la e, por fim, dançá-la, Ferenczi não busca inserir o corpo no campo da fala ou no campo da linguagem. Pelo contrário, ele entende que esse corpo que se expressa no processo analítico o faz através de um modo de expressão completamente legítimo, um modo de expressão inventado pela criança em um período anterior à aquisição da linguagem verbal: o modo de expressão por gestos e ações motoras (Ferenczi, 1913a/1993). Uma das consequências maiores disso é sair da dialética entre o psíquico e o somático, o verbal e o não-verbal, o representável e o irrepresentável. O corpo não emerge de maneira indesejável em decorrência de uma suposta carência de simbolização; pelo contrário, ele é convidado a se apresentar, a se expressar.

Com efeito, na técnica ativa, convocar o corpo não tem como finalidade descarregar um excedente de afeto, de acordo com o postulado fundamental do método catártico (Freud & Breuer, 1893-5/2016). Na verdade, sequer entra em questão uma lógica da descarga, do esvaziamento, da purgação de um excesso; pelo contrário, entra em cena uma lógica da experimentação, por um lado, e da expressão, por outro, e ambas convergem para um mesmo ponto: o acréscimo, o desenvolvimento, a afirmação. Criam-se as condições para que haja uma experimentação e, nesta direção, invenção de maneiras pelas quais a expressão corporal pode se desdobrar em uma relação: ambos os personagens do processo analítico entram em contato com uma história, com um passado, mas que ao mesmo tempo se atualiza no presente, no momento

mesmo em que é permitido se desenvolver. Essa atualização no presente não é uma mera repetição, em bloco, de algo do passado. No desenrolar dos movimentos de expressão, geram-se novas maneiras de ser.

Tal é, precisamente, o segundo motivo que dá à ideia de expressão toda a sua potência no contexto da técnica ativa. Na regressão para a infância da pianista croata, ocorre, simultaneamente à repetição, o desenvolvimento de algo que não acontecera, ou ainda, de algo que não tivera lugar. Para Ferenczi regressão não se confunde com reversibilidade: a regressão é sempre um processo paradoxal no qual, indo para trás, se vai para frente, quer dizer, em que o retorno ao passado desenvolve novos aspectos de vida no presente. Isso porque os movimentos expressivos da paciente que adquirem cada vez mais presença nas sessões analíticas consistem, eles mesmos, em impressões, novas impressões que dão mais vitalidade e colorido aos movimentos expressivos.

Ao longo desse processo, a jovem pianista cria e se apropria progressivamente de mais maneiras de ser, desenvolve novas formas de estar e se fazer presente com o outro, esboça novos jeitos de afetar, primeiro o analista, depois seu círculo social mais amplo, ao mesmo tempo em que se coloca em posição para poder ser afetada de novos modos, de novos jeitos. É isso, a bem da precisão, o que queremos dizer com a potência expressiva do corpo almejada por Ferenczi e é somente dessa forma que acreditamos poder falar em simbolização na teoria ferencziana. A simbolização é a possibilidade de se regredir ao período originário de indistinção entre expressão e impressão, período esse no qual cada um desses movimentos ocorre simultaneamente no entrecruzamento entre memória e presente, repetição e criação, e assim desenvolvem, desabrocham, germinam novas maneiras de ser, de sentir e de pensar, em uma experiência de participá-las com o outro.

Críticas e heranças da técnica ativa

Procuramos evidenciar, anteriormente, a dimensão de violência que a técnica ativa comporta. Ainda antes de abandonar essa experimentação, Ferenczi já pressentira que o analista poderia se apropriar dessa técnica e se colocar em uma posição de autoridade para exercer, ainda que sob justificativas teóricas muito convincentes, todas as suas moções sádicas inconfessadas, toda seu desejo de poder e de subjugar (Ferenczi, 1925/1993; 1926b/1993). Com efeito, em um momento posterior de seu pensamento, Ferenczi chega a identificar a natureza da técnica ativa como “paterno-sádica” (Ferenczi, 1932/1990, p. 129). Apesar de ele, a rigor, não extinguir a técnica ativa como um procedimento possível de ser utilizado pelo analista, suas críticas são tão contundentes que parece não haver, no final das contas, mais espaço para ela em sua clínica.

Vimos que a técnica ativa orienta-se no sentido de produzir tensão. Assumindo-se que a tensão, o desprazer, a angústia são experiências afetivas necessárias para a mudança, indispensáveis em um processo analítico, toda a questão desloca-se para o seguinte: qual o limite, isto é, até que ponto o incremento dessas vivências realmente faz alguma diferença no contexto analítico, fora do qual se converte pura e simplesmente em uma experiência de dor e sofrimento, a bem dizer, inútil, evitável e pernicioso? Esse problema complexo, dada a dificuldade de medir e de pesar os fatores, encontra somente uma solução quando entra em jogo não apenas o afeto do analisando, mas também o do analista.

Se é verdade que a técnica ativa tinha sido uma experimentação clínica desenvolvida para resgatar a dimensão do afeto no processo analítico, uma de suas principais falhas foi a de ter se concentrado unilateralmente na experiência afetiva do analisando, deixando de fora a do analista. Ora, a resposta que Ferenczi encontra para o problema do sofrimento desnecessário é incluir isso que estava excluído, quer dizer, introduzir o afeto do analista na análise, mais precisamente naquilo

que ele abarcou com a noção de “sentir com”: é deixando-se ser afetado pelos afetos do paciente, é participando de uma zona em comum no qual os afetos circulam na relação entre ambos, que o analista sentiria os limites – sempre móveis – de um sofrimento produtivo (Ferenczi, 1928/1992).

Duas diretrizes mantêm uma solidariedade inseparável com o “sentir com”. A primeira, a “economia do sofrimento” (*Ökonomie des Leidens*), consiste em o analista tentar manter a tensão, a angústia, o sofrimento em um nível mínimo, e somente na medida em que tem uma função essencial no processo analítico (Ferenczi, 1930/1992, pp. 61-2; 1930/1939, p. 480). Assim, quando uma sessão era muito pesada, Ferenczi via a necessidade de se tornar mais elástico e menos intransigente quanto às regras que regem a técnica: ele estendia, o quanto fosse necessário, a duração da sessão até o paciente sentir-se melhor, chegando a utilizar técnicas de relaxamento corporal, fosse da ioga ou do lamaísmo, para dissipar a tensão recalcitrante após o final da sessão (Ferenczi, 1926b/1993; 1928/1992; 1939/1992). A segunda diretriz, vinculada à posição do “sentir com”, era o tato (*Takt*), assim entendido como a prudência que o analista deveria ter quanto ao conteúdo de uma interpretação, à forma como ela é proferida, o momento ideal para ser dita, ou seja, de que maneira responder, sempre com sinceridade, ao sofrimento do analisando e às suas demandas (Ferenczi, 1928/1992; 1928/1939, p. 383). Com base em todos esses novos elementos que entram em jogo na clínica, Ferenczi atesta, enfim, uma indicação precisa, uma palavra final, acerca do uso da técnica ativa, que demonstra claramente a prática do tato e da economia do sofrimento:

(...) devemos contentar em interpretar as tendências para agir, escondidas no paciente, a fim de apoiar as débeis tentativas de superar as inibições neuróticas que ainda subsistem, sem insistir inicialmente na aplicação de medidas coercitivas, nem mesmo sob a forma de conselhos. Se formos suficientemente pacientes, o próprio doente acabará, cedo ou

tarde, por perguntar se pode arriscar tal ou qual tentativa (por exemplo, ultrapassar uma construção fóbica); evidentemente, não lhe recusaremos nesse caso o nosso acordo, nem os nossos encorajamentos, e obteremos dessa maneira todos os progressos esperados da atividade, sem irritar o paciente e sem adular as coisas entre ele e nós (Ferenczi, 1928/1992, p. 33, grifos no original).

Ferenczi exerceu a técnica ativa por, pelo menos, sete anos. À medida que os anos passavam desde seu abandono, ele sentiu uma culpa ensurdecadora: culpa por ter efetivamente exercido poder sobre seus pacientes, culpa por seus analisandos não terem criticado ele por esse procedimento (Ferenczi, 1932/1990). O que mais doeu foi perceber como alguns pacientes obedeciam cegamente, entravam em seu jogo e ali permaneciam incapazes de protestar, resistir ou criticá-lo por suas imposições. Sequer se sentiam livres ou minimamente à vontade para questionar a razoabilidade das intervenções. Se a experiência analítica deve se desdobrar sob o signo da sinceridade, onde tudo pode ser dito sem julgamentos (Ferenczi, 1909/1991), parecia ter se constituído uma zona de opacidade, uma zona de silêncio: tudo se pode falar, exceto quando se trata de criticar o analista. Só após confessar o seu erro – não apenas para o analisando, mas para si mesmo – Ferenczi conseguiu adivinhar o nível de descontentamento mudo e de obediência cega dos seus analisandos (Ferenczi, 1933/1992).

Esse estado de coisas acaba por redundar em um problema muito difícil, no que se refere à dimensão do corpo conforme trazida pela técnica ativa. Ferenczi potencializa a participação do corpo na clínica. Ele busca dar condições para o corpo se expressar. Entretanto, mesmo assim, esse corpo que se expressa o faz dentro de uma relação de poder. Ainda que o corpo adquira condições para desenvolver certas tendências latentes que guarda, isso se faz dentro de um sistema complexo de injunções e de proibições, sistema esse projetado e controlado pelo

analista e modelável ao sabor de suas tendências sádicas e de sua sede de poder. Em outras palavras, o grande problema com que Ferenczi vai se defrontar a partir do fim da técnica ativa é como permitir o corpo se expressar, como dar condições para que ele desenvolva a sua potência, sem se configurar, com isso, uma relação de poder que, afinal, silencia o analisando. Para começar a resolver esse problema, Ferenczi dispõe de duas observações que só puderam ser feitas, acreditamos, graças à experiência da técnica ativa.

Em primeiro lugar, ele descobre que há sujeitos que, longe de resistirem a uma agressão ou a uma imposição, dobram-se a ela, ou melhor, adaptam-se a ela. Tal é, precisamente, uma de suas principais observações acerca da clínica do trauma: uma criança, longe de se defender de um adulto agressor, se adapta a ele para conseguir sobreviver e preservar tanto aquele que a agride quanto a família que a desmente (Ferenczi, 1932/1990; 1933/1992). O que a técnica ativa lhe mostrou, de maneira crua, é que diante do analista que agride, os analisandos não se defendem, não impõem resistência; pelo contrário, eles se adaptam às suas exigências, por mais absurdas que possam ser. Em outros termos, eles se identificam com o analista, pressentem, escutam e anuem com o que ele quer, fazendo o que lhes é designado, enquanto mantêm uma parte de si – talvez a mais importante – siderada da análise, incólume do contato com o analista.

Em segundo lugar, tanto o analisando quanto o analista devem estar presentes em carne e osso, e não apenas através da voz. Isso porque o processo analítico muito tem a ganhar quando o corpo é convidado a se expressar e a desenvolver histórias que ficaram latentes, interrompidas, suprimidas. Que o corpo não tenha mais que ser coagido a se expressar, isso é certo; a questão é como ele pode se expressar espontaneamente, sem artifícios e “sem adulterações”. Fica claro, portanto, como a técnica ativa foi importante para Ferenczi. Será por meio dos destroços e fragmentos dessa experiência que ele vai construir um novo modo de fazer clínica. Todas essas

observações vão acompanhá-lo a partir de então, até seus últimos anos de vida.

Referências

- Bachelard, G. (2005). *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Contraponto. (Trabalho original publicado em 1938).
- Birman, J. (2014). *Arquivo e memória da experiência psicanalítica: Ferenczi antes de Freud, depois de Lacan*. Contra Capa.
- Câmara, L. (2015). *Um estudo metapsicológico sobre a inibição*. [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro]. Sistema de Bibliotecas e Informação – SiBI da UFRJ. <http://objdig.ufrj.br/30/teses/829328.pdf>
- Câmara, L. (2021). *Ferenczi e a psicanálise: corpo, expressão e impressão*. EdUFSCar.
- Câmara, L., & Herzog, R. (2017). Freud, Ferenczi e a experimentação teórica em psicanálise. In T. S. Coelho (org.), *Psicanálise no século XXI: ideologias políticas, subjetividade, laços sociais e intervenções psicanalíticas* (pp. 123-140). CRV.
- Ferenczi, S. (1939). Relaxationsprinzip und Neokatharsis. In *Bausteine zur Psychoanalyse, band III: Arbeiten aus den Jahren* (Vol. 3, pp. 468-489). Verlag Hans Huber. (Trabalho original publicado em 1929)
- Ferenczi, S. (1990). *Diário clínico*. Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1932)
- Ferenczi, S. (1991). Transferência e introjeção. In *Psicanálise I* (Vol. 1, pp. 77-108). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1909)
- Ferenczi, S. (1991). Palavras obscenas. In *Psicanálise I* (Vol. 1, pp. 109-120). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1910)
- Ferenczi, S. (1992). Da interpretação das melodias que nos acodem ao espírito. In *Psicanálise IV* (Vol. 4, pp. 171-172). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1909)

- Ferenczi, S. (1992). O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios. In *Psicanálise II* (Vol. 2, pp. 39-53). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1913a)
- Ferenczi, S. (1992). Fé, incredulidade e convicção sob o ângulo da psicologia médica. In *Psicanálise II* (Vol. 2, pp. 27-38). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1913b)
- Ferenczi, S. (1992). Efeito vivificante e efeito curativo do “ar fresco” e do “bom ar”. In *Psicanálise II* (Vol. 2, pp. 331-334). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1918)
- Ferenczi, S. (1992). Elasticidade da técnica psicanalítica. In *Psicanálise IV* (Vol. 4, pp. 25-36). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1928)
- Ferenczi, S. (1992). Princípio de relaxamento e neocatarse. In *Psicanálise IV* (Vol. 4, pp. 53-68). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1930)
- Ferenczi, S. (1992). Confusão de língua entre os adultos e a criança (a linguagem da ternura e da paixão). In *Psicanálise IV* (Vol. 4, pp. 97-106). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1933)
- Ferenczi, S. (1992). Notas e fragmentos. In *Psicanálise IV* (Vol. 4, pp. 235-284). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1939)
- Ferenczi, S. (1993). Dificuldades técnicas de uma análise de histeria (Com observações sobre o onanismo larvado e os “equivalentes masturbatórios”). In *Psicanálise III* (Vol. 3, pp. 1-7). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1919a)
- Ferenczi, S. (1993). Fenômenos de materialização histérica (uma tentativa de explicação da conversão e do simbolismo histéricos). In *Psicanálise III* (Vol. 3, pp. 41-53). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1919b)

- Ferenczi, S. (1993). Prolongamentos da “técnica ativa” em psicanálise. In *Psicanálise III* (Vol. 3, pp. 109-125). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1921)
- Ferenczi, S. (1993). O simbolismo da ponte. In *Psicanálise III* (Vol. 3, pp. 105-108). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1922)
- Ferenczi, S. (1993). Perspectivas da psicanálise (sobre a interdependência da teoria e da prática). In *Psicanálise III* (Vol. 3, pp. 225-240). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1924a)
- Ferenczi, S. (1993). As fantasias provocadas. In *Psicanálise III* (Vol. 3, pp. 241-248). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1924b)
- Ferenczi, S. (1993). Psicanálise dos hábitos sexuais (com uma contribuição para a técnica terapêutica). In *Psicanálise III* (Vol. 3, pp. 327-359). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1925)
- Ferenczi, S. (1993). O problema da afirmação do desprazer (Progressos no conhecimento do sentido de realidade). In *Psicanálise III* (Vol. 3, pp. 393-404). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1926a)
- Ferenczi, S. (1993). Contra-indicações da técnica ativa. In *Psicanálise III* (Vol. 3, pp. 365-375). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1926b)
- Freud, S. (2014). Inibição, sintoma e angústia. In *Obras completas* (Vol. 17, pp. 13-122). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1926)
- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Obras completas* (Vol. 6, pp. 13-171). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S., & Breuer, J. (2016). Estudos sobre a histeria. In *Obras completas* (Vol. 2). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1895)